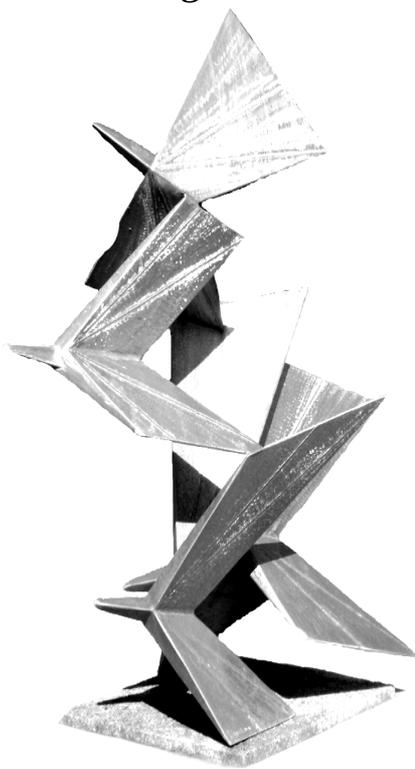


A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação

The memory virtualization: language, memory and imagination



Lucas Costa Roxo

Mestre em Filosofia (Unisinos). Graduado em Filosofia (Unilasalle). Professor da Faculdade Dom Bosco e do Instituto Educar Brasil. Coordenador de Ensino na Educação Profissional na Rede La Salle.

lrlucas@yahoo.com.br

Recebido para publicação em dezembro de 2010.
Aprovado para publicação em junho de 2011.

Resumo

Hoje, rememorar oralmente parece ter sido substituído por imagens. Estaria a memória se virtualizando? Neste artigo, pretende-se ir além de uma categorização da memória, da linguagem e da imaginação. O objetivo é explicitar as relações subjacentes a elas para alcançar seu sentido hermenêutico. O que a memória, a linguagem e a imaginação têm em comum em sua natureza? Qual, ou quais as consequências para a constituição da identidade do sujeito e sua existência? A investigação é filosófica e hermenêutica. A metodologia usada é a interpretação. Os resultados da investigação são: (a) a memória, pelo processo imagético desencadeado pela mídia, está se virtualizando; (b) memória e imaginação são formas de linguagem; (c) na imagem, encontra-se o elemento reflexivo e gerador de sentido da linguagem, da memória e da imaginação; (d) o virtual se configura como via privilegiada de constituição da subjetividade.

Palavras-chave: virtualização da memória; linguagem; imaginação.

Abstract

Today, to recollect orally report of lived experiences seems to have been replaced by images. Would the memory be virtualizing? In this article, we intend to go beyond a memory, language and imagination categorization. The aim of this study is to make explicit the underlying relationships with them to achieve their hermeneutic sense. What do memory, language and imagination have in common in their own nature? Which are the consequences for individual identity the constitution and its existence? The investigation comes within the philosophy field in its hermeneutic extension. The methodology used here is the interpretation. The research results are: (a) memory, for the image process mostly caused by the media, is in the process of virtualization; (b) memory and imagination are language forms; (c) In the picture, is the reflexive element and meaning generator of language, memory and imagination; (d) the virtual sets as a privileged way of constituting the subjectivity.

Keywords: memory virtualization; language; imagination.

1 A perspectiva hermenêutica

É importante, antes de tudo, situar o tema dentro de seu contexto e perspectiva filosófica a ser abordada. Sabemos que Platão e Aristóteles são dois divisores fundamentais, a partir dos quais correntes de pensamentos se estendem até hoje. O filósofo Cirne-Lima (2003, p. 53-54) em seu livro, “Dialética para Principiantes”, traça, com lucidez, o percurso do modo de pensar de Aristóteles e Platão e afirma: *“tudo o que pensamos e que somos vem de duas vertentes: a Dialética e a Analítica”*. A dialética é proveniente do modo de pensar platônico e a analítica, do pensamento aristotélico. Um salto aqui na história será necessário para não nos estendermos. No século XVI e XVII, XVIII e XIX temos outros divisores como Descarte, Kant e Hegel. Descarte e Kant seguem a tradição aristotélica e Hegel, a platônica. Para os dois primeiros, o conhecimento e suas condições de possibilidades são seus focos principais. Para Hegel, a história, o tempo e a constituição das subjetividades no Estado são temas de sua filosofia. No século XX, duas filosofias se destacam e desencadeiam novas formas de interpretação do mundo, a

Fenomenologia, com Edmund Husserl e a Hermenêutica, com Heidegger. A fenomenologia caracteriza-se por seu método apodídico, em que a intencionalidade, o sentido e o conhecimento fenomenológico perpassam o pensamento husserliano. Já o pensamento de Heidegger é estruturado em torno da questão do Ser e sua constituição em existencial. Dentre os existenciais, a Compreensão se destaca como linguagem. Na esteira do pensamento de Husserl e Heidegger, temos dois Hermeneutas que se destacam: Gadamer e Paul Ricoeur. Gadamer desenvolve uma hermenêutica filosófica da compreensão em sua constituição linguística, histórica e prática. Paul Ricoeur desenvolve uma hermenêutica simbólica, tendo como base interpretativa o método analítico.

As interpretações que serão desenvolvidas neste texto seguem, em alguns elementos, o pensamento de Husserl, Heidegger e Paul Ricoeur. Em outros, pautaremos a perspectiva e conceitos interpretativos, a partir da filosofia gadameriana, porque a hermenêutica filosófica de Gadamer possibilita, em sua estrutura fundamental, a linguagem explicitar as relações entre

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

memória, linguagem e imaginação e ir além, em busca do sentido que elas conferem à existência do homem.

1.2 Ser-histórico como ser de compreensão

A compreensão é histórica e também linguística. O ser-histórico é um ser de compreensão e, enquanto tal, compreende o seu passado e seu presente, interpretando, pois, tanto o passado (na forma da tradição), quanto o presente (na sua relação) são constituídos linguisticamente. Em *Verdade e Método I*, Gadamer (2003, p. 31) toma “a compreensão como objeto de nossa reflexão”. A compreensão é tomada por ele como um problema hermenêutico a ser compreendido em sua evidência estrutural.

Gadamer (op. cit) concorda com Heidegger que a compreensão “é um existencial fundamental que constitui o ser do pré, ou seja, a abertura do ser-no-mundo” e que “toda compreensão guarda em si a possibilidade de interpretação”, que a “compreensibilidade já está sempre articulada, antes mesmo de qualquer interpretação apropriadora”, ou seja, antes de qualquer ato de reflexão. Mas ele vai além e toma a compreensão não só como dimensão existencial do ser, mas como

constituidora do ser histórico do homem. A compreensão não é simplesmente um fenômeno hermenêutico, mas o próprio modo de ser hermenêutico do homem no mundo. É ela que nos “liga ao conjunto de nossa experiência de mundo” (GADAMER, 1998, p. 31). A “compreensão deve ser entendida como um ato da existência, e é, portanto um projeto lançado”¹ (GADAMER, 2003, p. 57). Não só a compreensão é abertura, mas também os elementos que a compõem: a abertura da experiência e da linguagem, com as quais o homem interpreta o mundo.

A compreensão deve ser compreendida menos como uma ação da subjetividade e mais como um retroceder que penetra um acontecimento da tradição, onde se intermedeiam constantemente passado e presente (GADAMER, 2003, p. 385).

A compreensão também é formal, ou seja, “é a faculdade fundamental da pessoa, que caracteriza sua convivência com os demais, atuando sobre tudo pela via da linguagem e do diálogo” (GADAMER, 2004, p. 381). Pode-se dizer que é uma estrutura do entendimento constituída pela linguagem.

Mas o que significa compreender?

Compreender significa primeiramente entender-se na coisa e, só em segundo lugar, apartar e compreender a opinião do outro como tal. A primeira de todas as condições hermenêuticas permanece sendo assim, a compreensão da coisa, o

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

ter de haver-se com a mesma coisa (GADAMER, 2004, p. 78-79).

No compreender não está somente implicada a coisa em questão, mas o próprio ser que compreende. Ele é uma totalidade que está fundada na unidade de sentido. O compreender tem caráter ontológico e representa o próprio movimento da transcendência, ou seja, o movimento especulativo do sentido. O compreender possui, ainda, uma referência ao “fazer prático e ao fazer teórico”. Compreender, nesse sentido, é fazer de suas próprias possibilidades um projeto e, portanto, representa a própria orientação humana no mundo.

1.2 Elementos estruturantes da compreensão

Entre os elementos constituintes ou estruturantes da compreensão em Gadamer estão os preconceitos, a historicidade, a interpretação, a linguagem e a circularidade. Tomaremos apenas a historicidade, a interpretação e a linguagem neste trabalho.

A linguagem confere universalidade à compreensão. A tese de Gadamer é de que toda compreensão é linguagem². A orientação do homem no mundo é dada pelo caráter linguístico da compreensão:

Existirá algo que não faça parte de nossa orientação no mundo fundamentalmente como linguagem? Todo conhecimento humano do mundo é mediado pela linguagem [...] a estrutura de linguagem de nosso estar-no-mundo acaba articulando todo âmbito da experiência. (GADAMER, 2004, p. 136).

Com essa afirmação, Gadamer radicaliza a universalidade linguística da compreensão a toda experiência de mundo. À medida que se conhece o mundo exterior pela linguagem, compreende-se a si mesmo. Assim, o mundo experimentado constante na compreensão, se apresenta a nós como uma totalidade aberta, possível de ser interpretada sempre de novo. Na interpretação de Stein:

Existe uma experiência da linguagem, de que a linguagem é mais do que nós mesmos, na medida em que a linguagem é parte daquilo em que estamos enraizados e é parte da nossa facticidade. (2004, p. 77)

O movimento da compreensão articula a parte e o todo de modo a garantir a unidade de sentido. Para mostrar esse movimento, o autor recorre à experiência da arte. A verdade que aparece na experiência da arte é a mesma que acontece na nossa experiência linguística do mundo. Lawn (2007, p. 126) afirma que: “... O significado do trabalho de arte nunca é completo, pois sempre seremos capazes de reconhecer e perceber novas coisas nele”. A verdade que aparece na

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

experiência da arte não pode ser possuída, mas sim compreendida. A verdade se dá no encontro. E não poderia ser diferente, só se compreende uma obra de arte quando se está diante dela. O que poderíamos denominar de especulativo na experiência da arte é justamente seu caráter de representação, ou seja, de dizer o que é e, ao mesmo tempo, remeter a algo novo, diferente.

A compreensão é interpretativa. A interpretação é a forma explícita da compreensão, ou seja, a compreensão se efetiva no interpretar. De acordo com Gadamer a palavra tem dois significados “expressa originariamente a relação mediadora [...] função de tradutor e deciframento de textos de difícil compreensão”. Contudo,

a interpretação é o que oferece a mediação nunca acabada e pronta entre o homem e o mundo, e nesse sentido a única imediatez verdadeira e o único dado real é o fato de compreendermos algo como algo (GADAMER, 2004, p. 391).

Enquanto a interpretação é a forma mediadora efetiva da compreensão, ela é também aplicação, pois tanto quanto a compreensão e a interpretação, é um fenômeno hermenêutico. A compreensão se aplica ao interpretar. Novamente aqui surge o elemento especulativo presente na compreensão, o interpretativo, aquilo que

se interpõe no ato do compreender é sempre reflexivo, ou seja, apresenta em si mesmo dois momentos do mesmo ato. Mas como se relaciona com o elemento da historicidade também presente na compreensão?

A historicidade da compreensão manifesta um tipo de experiência em que o próprio homem ao compreender é afetado. E ao ser afetado,

o homem se torna consciente de sua própria finitude [...] reconhece que toda expectativa e toda planificação dos seres finitos é, por sua vez, finita e limitada [...] a verdadeira experiência é, assim, experiência da própria historicidade (GADAMER, 2003, p. 467).

Ela possui abertura a novas experiências. O elemento decisivo dentro da historicidade do homem é, para ele, a tradição, porque o que se busca compreender é impregnado pela história e a forma explícita da história é a tradição. A tradição, por sua vez, é essencialmente linguagem, “isto é, fala por si mesma como um tu” (GADAMER, 2003, p. 467) e por isso, o processo interpretativo que se estabelece ao compreender na história, lida com algo linguístico. Fleig expressa, a partir de Hegel, a relação entre história e linguagem pela seguinte comparação:

o nascimento da história coincide com o nascimento da história da escrita, assim como nascimento do humano só se dá por uma operação de linguagem,

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

pela voz que denomina e nisto determina, ou seja, arranca a coisa de seu estado de indeterminação³ (1990, p. 118).

E como o interpretativo é um ato médio, acontece aí um processo dialógico em que se deve ouvir o que a tradição tem a dizer. A relação com a tradição é um processo dialógico. É, pois, no diálogo que se radica a relação entre historicidade e linguagem. A frase *ser histórico é não esgotar-se nunca no saber-se* fala dessa relação. A frase não só aponta para a dimensão lingüística da compreensão, mas também para o processo dialógico no qual ela está inserida na história. A inesgotabilidade é o elemento que caracteriza tanto a interpretação quanto o diálogo.

A linguagem, a historicidade e a interpretação fundam-se na inesgotabilidade reflexiva e dialógica da compreensão, sendo que cada uma delas possui o momento de reversibilidade que indica o especulativo: a inesgotabilidade, o interposto ou mediado, o sentido. Enquanto especulativo, ultrapassa o seu próprio movimento interpretativo dialógico, conduzindo a compreensão a voltar sobre si mesma e dessa forma, a reversibilidade da compreensão é expressa como *crítica*. A crítica, portanto, é um exercício do

movimento ontológico especulativo da linguagem na compreensão. Para Paul Ricoeur e Habermas, a hermenêutica filosófica de Gadamer carece de criticidade e, portanto, “a hermenêutica da pertença deve converter-se em hermenêutica crítica” (ORAA, 2000, p. 504). Todavia em que consistiria a criticidade hermenêutica segundo Gadamer? No texto sobre *semântica e hermenêutica*, Gadamer escreve:

a crítica hermenêutica só adquire verdadeira eficácia quando produz auto-reflexão, ou seja, quando consegue refletir sobre seu próprio esforço crítico, sobre suas próprias condições e dependências (2004, p. 215).

Isso porque a crítica pertence à estrutura interpretativa da compreensão. Ela é crítica, na medida em que inclui o elemento reflexivo em seu próprio interpretar. A crítica decorre do reflexivo ou especulativo e só a partir daí pode ser visualizada.

1.3 O ser situado

O ser histórico é um ser situado, ou seja, “já nos encontramos sempre numa situação cuja elucidação é tarefa nossa” (GADAMER, 2003, p. 399). O ser histórico é um ser implicado porque está envolvido consciente ou inconscientemente

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

na situação e em seu horizonte, com suas visões e posições. A elucidação não se esgota na interpretação da situação. A inesgotabilidade interpretativa é a essência do ser histórico. O que diz respeito ao homem se manifesta como finito, limitado e determinado, ou seja: o conhecimento, a compreensão, a linguagem, o mundo e a cultura. Pode se considerar e reconhecer que essa forma de pensar leva ao determinismo histórico. O ser histórico finito do homem não é fechado sobre o passado, mas aberto por sua constituição lingüística.

A atividade reflexivo-interpretativa se dá sempre dentro de um horizonte. O horizonte pertence essencialmente ao ser situado. A infinitude do passado e do futuro se condensa no presente finito do ser situado. “O horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto” (GADAMER, 2003, p. 399). Gadamer toma esse conceito de Nietzsche e Husserl para significar a vinculação do pensamento à sua determinidade finita e ampliação do campo de visão.

O presente e o passado se fundem na compreensão: “o horizonte do presente não se forma, pois, à margem do passado [...] compreender é sempre o processo de fusão

desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos” (GADAMER, 2003, p. 404). O ser histórico é um ser situado entre o passado e o futuro. É um ser presente. O contexto é o âmbito do horizonte que circunda o ser situado e afeta direta e indiretamente seu campo de visão no qual está enredado na trama das coisas que o circundam. Sua visão não é independente do contexto da situação. O contexto determina o modo de ser-situado. E de acordo com Teufel (2001, p. 30) “*compreender é captar contextos de sentidos entre as coisas, as pessoas e os pensamentos; captar os contextos de ação*”. A ontologia da linguagem também implica uma pragmática da linguagem. O contexto no qual se dá a situação se configura em outro meio de acesso ao sentido do que não foi dito, que não só o dito e o ouvir, possibilitando uma compreensão mais abrangente do dito. O sentido presente no dito, mas que não está explícito, pode ser acessado pela interpretação contextual. O que está implícito na fala pode ser explicitado por ele. A práxis da vida é uma práxis lingüística contextual e situacional. O contexto, em sua relação com a linguagem e o mundo, é ampliado e não se restringe somente ao âmbito lingüístico enunciativo

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

proposicional e textual, mas a uma práxis de vida que se configura a cada vez na conversação, mediante a interpretação do mundo.

2 A contingência da linguagem

A desinstrumentalização da linguagem se deve ao resgate da sua historicidade. Isso foi possível com as duas viradas linguísticas, a ontológica e a pragmática, que (re)introduziram contingência na linguagem. Ela passa a ser considerada centro sintetizador e mediador do mundo e do homem, do presente e do passado enquanto constitui sentido, a partir de si mesma, em seu uso. A linguagem passa a comportar em si, o objetivo e subjetivo, o mundo e o homem, as coisas e as ideias das coisas. A linguagem não é pura e independente de quem a usa. Na linguagem se dá a totalidade dos entes e o sentido de que necessitam para serem compreendidos. E, desse modo, “a linguagem tem sua própria historicidade” (GADAMER, 2004, p. 71), que reside na finitude do homem e nas suas possibilidades de uso infinito na fala. Gadamer (2004, p. 39) diz que “mesmo na finitude, perguntamos por um sentido porque apesar de finitos buscamos o sentido de nosso ser”. Aí, na busca pelo

sentido reside, segundo ele, o problema da historicidade, e como diz Arendt:

Foi a mortalidade que se tornou a marca distintiva da existência humana. Os homens são as únicas coisas mortais que existem, pois os animais existem tão somente como membros de espécies e não como indivíduos (2007, p. 71).

Com a incursão do histórico na linguagem e da linguagem no histórico, Gadamer opera a virada fundamental que vai da compreensão do ser ao ser compreendido, ou seja, o ser passa de ser veiculador de linguagem a ser constituído na linguagem. Portanto, pode afirmar que *o ser que pode ser compreendido é linguagem*. Ser compreendido na linguagem é poder dizer ser de muitas maneiras, como afirmou Aristóteles; é ter acesso às coisas do mundo por meio da linguagem; é, também, compreender-se na linguagem; ser é linguagem e linguagem é mundo que possibilita ser na compreensão mútua.

Entretanto, do ponto de vista da filosofia sistêmica, a crítica que se faz a Gadamer quanto à virada ontológica é que “a Hermenêutica Filosófica é a ontologia da linguagem autárquica e finita” (LUFT, 2002, p. 173), ou seja, fora da linguagem não haveria nada e, em sua autorreflexão abrangeria e explicaria a totalidade dos entes. O processo reflexivo não seria

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

transcendente, mas imanente e enquanto tal, finito. Essa crítica feita por Luft é oposta ao conceito de corpo como sendo mais universal que a linguagem, uma vez que sem ele, essa não existiria. No entanto, a linguagem transcende a si mesma sem abandonar-se. Aí, abre-se espaço para *o fazer da própria coisa* e, portanto, à não determinação linguística total das coisas, à liberdade na linguagem e à não objetificação do mundo pela linguagem, pois “a relação fundamental de linguagem e mundo não significa, portanto, que o mundo se torne objeto da linguagem” (GADAMER, 2003, p.581). Por fim, a abertura transcendental⁴ da linguagem é a especulação. É mediante essa estrutura da linguagem, que carrega consigo as experiências da historicidade, que Gadamer lhe restitui a sua contingencialidade, a partir de si mesma e de sua imanência reflexiva. A linguagem mostra o caráter finito do homem naquilo que o constitui: *a conversação (ou diálogo) que nós mesmos somos* enquanto ser histórico que *é não esgotar-se nunca no saber-se*. A linguagem não é pura abstração e virtualidade. Ela é perpassada de contingência histórica. A contingência histórica diz respeito às experiências vividas na cotidianidade da vida, que no

exercício hermenêutico de compreensão e interpretação, os homens elevam-na ao plano linguístico a fim de torná-las evidentes para si mesmos e com isso poder dizê-las. O que importa em tal experiência *é saber o quanto fica de não dito quando se diz algo*. Segundo Cabrera, o que não é dito ou

o que fica omitido remete à condição humana, à finitude e à morte, de alguma maneira a um marco permanentemente inédito, pois cada pessoa o processa e o carrega com conteúdos diferentes das mais diversas maneiras (2003, p. 61).

O que não está dito na linguagem pertence à experiência histórica do mundo, à memória do mundo. Mas enquanto o mundo só existe na linguagem, a experiência pode sempre ser dita uma vez mais, na medida em que é trazida à fala. Portanto, o contingente na linguagem é a experiência de finitude vivida na prática do diálogo consigo, com o outro e com o mundo. Desse modo, o caráter instrumentalista da linguagem não faz sentido, pois a linguagem pura não existe. Ela carrega sempre as experiências pessoais e históricas, ao mesmo tempo em que as transcende pela sua dimensão especulativa.

3 Natureza, historicidade e memória

Heidegger em sua análise sobre o tempo considera a temporalidade do ser-no-mundo mais originária do que a sua historicidade. Segundo ele,

o passado como história própria se pode repetir no como. A possibilidade de ascender à história se funda na possibilidade segundo a qual um presente sabe em cada caso ser futuro (HEIDEGGER, 2006. p. 58).

Por outro lado, ele afirma que a “historicidade mesma constitui o ser do ser-aí de modo que o enigma da história reside no que significa ser histórico”⁵ (HEIDEGGER, 2006. p. 58). A categoria do passado é fundamental no projeto filosófico de Gadamer. A historicidade é o horizonte a partir do qual ele desenvolve a hermenêutica filosófica.

O processo de evolução da natureza é diferente do processo histórico. O modelo físico-biológico da História Natural de modo algum corresponde à historicidade do homem, porque

o ser característico do homem manifesta-se na experiência do encontro do homem consigo mesmo na história, na forma do diálogo, na espécie de entendimento recíproco do homem com outro homem, que na memória e na linguagem se cimentam. (PEREIRA, 2001, p. 67-68).

Os critérios que este adota para distinguir a natureza da história são a memória, o encontro e a linguagem. A memória e a linguagem resultam da introdução do tempo no ser⁶ de modo que é através da memória que o homem traz à tona, de modo presente, suas experiências passadas. É na linguagem que se realiza o encontro do homem consigo mesmo, com seu passado e com seu presente. Tanto na memória quanto na linguagem, o ser histórico do homem se manifesta. A memória é a guardiã das experiências constituídas linguisticamente na história. Assim como ela guarda e recorda, a linguagem encobre e descobre. Ambas, memória e linguagem, constituem experiências de encontro do homem consigo mesmo e com o seu passado. Nesse sentido, Gadamer estabelece relação com o conceito platônico de *anamnesis* por que:

A anamnesis platônica é realmente similar ao mistério da linguagem. Ambos não têm nem principium, nem começo, e seus termos não podem ser derivados a partir de um principium como se houvesse uma orto-linguagem (GADAMER, 1998, p. 29).

História, memória e linguagem estão relacionadas em Gadamer e são elas que constituem o ser histórico do ser-aí. Elas constituem experiências ontológicas que se retomam umas as outras sem jamais se

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

esgotarem. A natureza não sabe nada de si, o homem apesar de ser estranho a si mesmo e ao seu destino histórico, tem consciência. É a consciência de sua historicidade que o diferencia da natureza.

Vimos que a compreensão do ser histórico é dada na interpretação mediante a linguagem e que no nível mais profundo da mediação linguística se encontra a memória. Mas como se relacionam memória e linguagem?

4 Memória, linguagem e imaginação

A memória é condição para o filosofar, uma vez que ela possui a estrutura da reversibilidade reflexiva. O que foi experimentado linguisticamente e que ficou no passado, pode ser resgatado pela memória através das lembranças, a fim de serem ditas, expressadas na linguagem. *Mas qual o caráter de linguagem da memória?* A linguagem da memória é simbólica. Os símbolos que constituem a memória são imagéticos. O que vem à memória quando se relembra, são imagens que contêm as experiências vividas ou não, linguisticamente, no tempo e, enquanto possuem esse caráter linguístico-imagético, podem ser ditas na linguagem. A linguagem imagética

interpreta-se a si mesma, na medida em que é lembrada. Lembrar não significa somente trazer à memória certa imagem de um acontecimento ou vivência, pelo contrário, é, antes, resultado de uma série de relações imagéticas interpretativas. Pelas suas relações elas se interpretam de modo que o fato ou a experiência presente em imagem se apresenta significativamente. A imagem trazida à memória é espelhada na linguagem pela fala. Com as imagens que vêm à memória, quando se lembra algo, pode-se, também, ouvir as palavras que no momento remoto foram ditas. Essa estrutura da memória é fascinante, pois ela indica a existência do especulativo na linha tênue entre o passado e o presente, entre a linguagem falada e a linguagem simbólico-imagética. De modo que abre espaço para a análise e interpretação de outras linguagens, como a do cinema, por exemplo. Enfim, a

memória não consiste apenas em recordar o passado enquanto passado [...]. A memória tem uma pretensão de verdade, é uma forma de razão que pretende chegar a um núcleo oculto da realidade inacessível ao raciocínio (MATTE, 2005, p. 23).

O que está oculto pode ser trazido à memória e expressado na forma de linguagem na fala.

A linguagem por sua vez, processa em si mesma a *realização de sentido* em

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

seu acontecer na fala, necessária à compreensão do homem, do seu passado e do mundo. No elemento mínimo da linguagem, a dimensão do não-dito, do implícito, encontra-se a relação com a memória. O não-dito é inerente a outro elemento constituinte da memória, a imagem. A estrutura imagética da memória tem a mesma constituição linguística, porque o que vem ou é trazido à memória é compreensível pelo mesmo mecanismo linguístico, o reversível ou reflexível. O imagético possui seu ser no virtual e no simbólico. A dimensão linguístico-imagética da memória constitui-se em ser virtual. Bergson afirma que:

nossa lembrança continua em estado virtual [...] atada ao passado por suas raízes profundas [...] essencialmente virtual o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem (2006, p. 49).

Com radicalidade, podemos afirmar que a memória está sendo virtualizada. A sua virtualização é dada, não só pelas mídias e tecnologia informacional, como incursão da forma humana de tornar presente o ausente, em formas estáticas de representá-la. Para Ribeiro

a mídia [...] aponta entre todos os fatos da atualidade, aqueles que devem ser memoráveis no futuro, reinvestindo-os de relevância histórica. Constitui-se, assim, em um verdadeiro lugar de

memória da contemporaneidade (2007, p. 7).

Mas, também, pelo próprio modo do homem interpretar o mundo e rememorar. A memória virtualizada se apresenta de duas formas: exteriorizada, como modo de experimentar o mundo real pela via do virtual midiático e tecnológico; e memória invertida, que não é uma exteriorização da mesma, mas um modo de interpretar as experiências da memória em nós como irrealidades, da mesma forma que tratamos o mundo virtual dos computadores como real. Poderiam objetar que a memória do homem é tão virtual quanto às das máquinas e mídias. Porém, essa é a sensação que o virtual midiático cria: a realidade é uma ilusão. A virtualização da memória se torna aguda na imaginação virtual.

A dinamicidade linguística da estrutura imagética da memória revela outra dimensão, a imaginação. Essa dimensão é caracterizada pela interatividade imagética, não como superposição de uma imagem a outra, mas fusão de sentidos que cada uma das memórias possui. Aí, reside o ser da imagem – na virtualização do sentido – e também seu caráter especulativo ou reflexivo. O que possibilita a memória criar sentidos são experiências vividas

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

existencialmente pelo homem, principalmente a de sua finitude. Para prosseguirmos, consideramos a diferença eidética traçada por Paul Ricoeur:

a da imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da ‘coisa lembrada’, do ‘lembrado’ como tal (2007, p. 26).

Essa dissociação de Ricoeur é semelhante à que faz Bergson (2006, p. 49) com a afirmação de que “*imaginar não é lembrar*”. Imaginar pertence à intencionalidade da imaginação e lembrar à intencionalidade da memória.

Sartre (2009, p. 137) definiu a imagem como “um certo tipo de consciência. A imagem é um ato e não uma coisa. A imagem é consciência de alguma coisa”. Essa conceituação de imagem remete ao conceito de experiência que, para ele, está na base da constituição da imaginação. As experiências carregam consigo a contingência na qual foi experimentada. A imagem gerada nessa experiência contém além das sensações e percepções, emoções e reflexões. Assim, a memória não só traz à tona imagens estáticas, mas imagens-consciência de experiências vividas. A memória, portanto, é uma experiência imagética consciente.

Pelas imagens da memória não só podemos rememorar, mas também refletir e projetar e, acima de tudo, imaginar, criar e recriar. A criação e recriação da memória imagética passam pela imaginação.

O mundo imaginário é atrelado à dimensão do não-dito, à linguagem imagética que remete o pensamento do indivíduo sempre além do representado. O além é o âmbito do possível, da fantasia, da criação, da renovação e dos sonhos, da utopia. Esse outro mundo, que desprega do simbólico e se configura como mundo do fantasticamente recreativo, vai além de uma razão transcendental e inaugura uma imaginação transcendental fundada na linguagem. Ortiz-Osés (1989 apud GARAGALZA, 2002, p. 208), considera a linguagem simbólica ou imaginário fundamento da razão:

por cima e por baixo de nossas filiações reais, intervém nossas a-filiações imaginário-simbólicas através de imagens carregadas de sentidos: deste modo há algo que se “mostra” wittgensteinianamente atrás dos fatos brutos aos que transcende, e esse algo imaginário não se pode dizer em uma linguagem referencial senão em outra linguagem arquiesimbólico do imaginário. Com ele fundamentamos nossas vivências não em pressupostos dados de fatos brutos, senão em condições transcendentais ou condições: assim, pois, numa linguagem simbólico que foge de mediação o a-filiação entre tempo intramundano e o sentido transcendente. O fundamento do real é

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

imaginário: o Imaginário é a matriz do sentido, tal como o formula a velha mitologia vaga em sua máxima: “Izena duen guztia, omen da” (tudo o que tem nome é).

O mundo imaginário é um contraponto para a razão dura, ou seja, para a razão clássica, porque através dela o fundamento se torna líquido. No mundo da fantasia a solidez se desmancha. Nela tudo flui conforme as infinitas possibilidades imagéticas relacionais, contudo ela constitui-se como fundamento, como possibilidade de criação de outros mundos possíveis. O imaginário em fluidez abre e permite abrir sempre novos caminhos, não fixa nada. A estrutura do imaginário, nesse aspecto, é a mesma da linguagem falada, ou seja, a linguagem simbólica da fantasia, assim como a linguagem especulativa do diálogo, não fundamenta ao modo da filosofia clássica, pois a construção de sentido que nela se dá decorre do seu próprio significar imaginariamente e dialogicamente.

A imagem, seja como consciência seja como simbólica, confere à memória a prerrogativa de flexibilidade, modo de ser e de produzir conceitos-imagem pães de significados e que garantem ao homem projetar-se no mundo. O caráter de linguagem da memória indica a inesgotabilidade da sua flexibilidade

sobre a alteridade, o outro, a coisa interposta entre a memória e a imaginação.

A esse respeito afirma Ricouer:

pode-se afirmar que uma busca específica de verdade está implicada na visão da ‘coisa’ passada, do anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. Essa busca de verdade específica a memória como grandeza cognitiva (2007, p. 70).

Portanto, não é nem na imagem e nem tampouco na lembrança que radica a memória, mas na virtualidade do passado. Mas a virtualização por que passa a memória atualmente significaria a perda da memória?

Referências

ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BERGSON, Henri. *Memória e Vida*. Textos escolhidos por Giles Deleuze; Tradução Claudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CABRERA, Julio. *Margens das filosofias da linguagem*. Brasília: UnB, 2003.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. *Dialética para principiantes*. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. *The Beginning of Philosophy*. Translated by Rod Coltman. New York: Continuum, 1998.

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.

Lucas Costa Roxo

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Metodo I*. Traducción de Ana Agud Aparicio y Rafael de Agapito. 10. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARAGALZA, Luis. *Introducción a la hermenéutica contemporánea: cultura, simbolismo y sociedade*. Rubí: Anthropos, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *El concepto de tiempo*. Madrid: Minima Trotta, 2006.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Tradução de Helio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

LUFT, Eduardo. *Hermenêutica e sistema*. *Revista de filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 3, n. 4, p. 173, 2002.

MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz: Atualidade e política*. Tradução de Antônio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

ORAA, José María Aguerre. *Pensar con Gadamer y Habermas*. *Revista portuguesa de filosofia*, nº 56, 2000.

PEREIRA, Miguel Baptista. *O século da Hermenêutica Filosófica: 1900-2000*. *Revista de Filósofica de Coimbra*, v. 10 n. 19, março de 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves (organizadoras). *Mídia e Memória*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François[et al.]. Campinas: Unicamp, 2007.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Justiça e memória: para uma crítica ética da violência*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre Hermenêutica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TEUFEL, Erwin. *Discurso de Homenaje*. IN: HABERMAS, J. et al. *El ser que puede ser comprendido es lenguaje: Homenaje a Hans-Georg Gadamer*. Tradução de Antonio Gómez Ramos. Frankfurt: Síntesis, 2001.

¹ Heidegger afirma a esse respeito que “a compreensão enquanto abertura do pré sempre diz respeito a todo o ser-no-mundo. Em toda compreensão de mundo a existência também está compreendida [...] o estar-lançado pertence a constituição ontológica da pre-sença como constitutivo de sua abertura [...] a abertura é, em sua essência factual” (HEIDEGGER, 2004, p. 209).

² “A tese afirma que não apenas o processo do entendimento entre os seres humanos, mas também o próprio processo da compreensão representa um acontecimento de linguagem, mesmo quando se volta para algum aspecto do âmbito da linguagem ou escuta a voz apagada da letra escrita” (GADAMER, 2004, p. 216).

³ A frase citada faz parte da conclusão do texto: “*Problemática de uma articulação: tempo e eternidade*” em que o filósofo e professor Mário Fleig interpreta a relação entre esses dois conceitos, ressaltando a imbricação do tempo passado, presente e futuro, com a ideia de fio condutor, a partir de Hegel. *Revista estudos Leopoldenses*. v. 26, n. 120, dezembro, 1990 p. 118.

⁴ Entende-se transcendental aqui como especulativo ontologicamente constituído, ou seja, aquilo que faz ultrapassar o pensamento pela linguagem sem

A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação.*Lucas Costa Roxo*

abandoná-la, o que ultrapassa e ao mesmo tempo retrai.

⁵ As citações feitas aqui são tiradas da conferência de Heidegger sobre o conceito de tempo. Trata-se aqui do primeiro Heidegger, de *Ser e Tempo*, em que o tempo ainda está subordinado à história do esquecimento do ser.

⁶ Na interpretação de Matte “cuando introduces el tiempo en el ser estamos hablando de memória [...] la memória es la clave de un proyecto filosófico que podríamos titular “ser y tiempo” (RUIZ, 2009, p. 19).